

## A morte conta a vida: os cemitérios como lugar de memória na antiga Macaé, entre 1855 e 1910

Maria da Conceição Vilela Franco\*

### RESUMO

A presente comunicação busca analisar de que modo os cemitérios, as sepulturas e demais elementos que os compõem se firmaram como instrumento de reforço do “*imaginário*” local e de construção dos chamados “*lugares de memória*” em Macaé, no período compreendido entre 1855 a 1910. A partir do caso da morte e do sepultamento de Manoel da Motta Coqueiro (1855) e da identificação de duas sepulturas localizadas em Macaé, em 1910, pertencentes à Argeo Victor Hugo Brazil e Honório Souza, pretendo compreender os cemitérios como “lugar” de negação e/ou de afirmação de uma dada memória na sociedade macaense, ao longo do período analisado.

**Palavras-chave:** cemitérios, imaginário local e lugares de memória.

### RESUMÉ

Présente communication cherche analyser que manière les cimetières, les sépultures et autres éléments qui les composent ont affermi comme instrument de renforcement de la “*imaginaire*” locale et de construction de la appelée “*places de mémoire*” dans Macaé, dans la période comprise entre 1855 à 1910. À partir du cas du décès et de l'enterrement de Manoel da Motta Coqueiro (1855) et de l'identification de deux sépultures localisées dans Macaé, à 1910, appartenant à l'Argeo Victor Hugo Brazil et Honório Souza, je prétends comprendre les cimetières mange “*place*” de négation et/ou d'affirmation d'une donnée mémoire dans la société macaense, au long de la période analysée.

**Palavras-chave :** cimetières, imaginaire lieu et places de mémoire.

A escolha para discorrer a temática da morte no município de Macaé surgiu quando da minha participação no Projeto “Macaé: identidade cultural”, desenvolvido no ano de 2001, com apoio da Prefeitura de Macaé através da Fundação Macaé de Cultura e sob a coordenação do Professor Dr. Paulo Knauss. Ao iniciar a minha pesquisa para coleta de dados para construção do “Guia de Acervo Documental para a História de Macaé”, objetivo central do referido projeto, entrei em contato com dois túmulos que me chamariam a atenção. O primeiro, de Argeo Victor Hugo Brazil, no cemitério da Barra do Sana, que continha a inscrição: *À memória de Argêo Victor Hugo Brazil, vítima da covardia assassina das autoridades policiais do governo Alfredo Backer, em 30 de abril de 1910. Homenagem do Partido Republicano de Macahé.* O segundo túmulo retratava treze pontas, que posteriormente vim a descobrir que representavam o número de tiros que haviam dado cabo à vida de Honório Souza, morador de Glicério. Este tido como provável assassino do Argeo

---

\* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Salgado de Oliveira, sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Cláudia Rodrigues. Pesquisadora da Secretaria Municipal de Acervo e Patrimônio Histórico de Macaé (SEMAPH). Professora da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Macaé (FAFIMA).

Victor Hugo Brazil. Isso foi determinante para o meu interesse por uma investigação sobre a constituição dos cemitérios como “*lugar de memória*” na sociedade macaense.

Ao focar essa temática, o meu objetivo central é identificar os espaços da morte como um elemento de construção, reconstrução, recriação e projeção da memória, procurando entender como os cemitérios, as sepulturas e demais elementos que os compõem se constituíram como instrumento de reforço do *imaginário* local e de construção dos chamados *lugares de memória* na antiga Macaé.

O recorte temporal compreende o período de 1855-1910. Esta extensão cronológica pode nos levar a traçar considerações sobre a constituição das freguesias em Macaé, e tentar buscar elementos perceptíveis no espaço dedicado aos mortos e nas atitudes diante da morte, nas várias formas representativas de construção deste espaço, presentes nos aspectos simbólicos, no *imaginário* local, nos cemitérios e sepulturas macaenses. Estes, vistos nas representações existentes nos túmulos, epígrafias, epitáfios, etc.

Nesta perspectiva, pretendo responder a seguinte indagação: de que maneira a morte e os cemitérios na antiga Macaé contribuíram para a “afirmação ou a negação”<sup>1</sup>, de determinadas memórias sobre a referida região? Para responder a esta questão trabalharei com a hipótese central de que em Macaé a morte, os cemitérios e as sepulturas foram instrumentos de construção de memórias, seja no sentido de afirmação ou de negação.

Não é pretensão desta pesquisa abranger todas as questões e atitudes conferidas localmente aos ritos de morte. Entretanto, em sua estrutura, aspira-se ampliar os limites da História Local, em uma perspectiva de análise que dialoga com a História Cultural, através da observação dos aspectos comportamentais da sociedade macaense diante da morte. Estes manifestados no domínio das representações simbólicas presentes nos cemitérios urbanos e rurais no período estudado. O tema da morte, como produtor de pesquisa, representa uma nova opção para a pesquisa histórica em Macaé, diante da existência de diversas fontes inéditas relacionadas à região. Deste modo, a sua utilização é de fundamental importância para os estudos dos diversos enfoques de História no Município.

O reconhecimento e a relevância histórica desta temática para a História macaense se alicerçam no pressuposto de que os cemitérios são espaços de construção e reconstrução da memória coletiva e guardam um rico acervo de arte e História. Estudar a temática da morte em Macaé significa também preservar o registro da memória e a sua relação com a história no

---

<sup>1</sup> O termo afirmação refere-se ao reconhecimento da existência de uma lembrança explicitada na valorização de um feito que se afirma a partir de um sentimento de pertencimento no sentido positivo. Já o termo negação configura-se em face de uma memória que se procurou esquecer e guardar silêncio por denotar uma situação de repúdio e, até mesmo, vexatória.

município. Este trabalho tem a sua originalidade no fato de que estudos como estes visam oportunizar uma nova perspectiva para a produção da pesquisa histórica em Macaé.

Além disso, os cemitérios macaenses guardam informações que revelam a sua importância como instrumento de interpretação da história. A arquitetura das suas necrópoles reserva informações sobre a ocupação portuguesa de fins do século XVIII, sobre os movimentos de imigração suíça, alemã e italiana durante o século XIX e dos japoneses nos primeiros anos do século XX (ver figura 1).<sup>2</sup> Lápides, epígrafes e iconografias destes cemitérios são representações que foram produzidas e reproduzidas nas diversas dimensões do cotidiano dos macaenses ao longo do tempo. Portanto, o universo funerário existente nestes cemitérios são elementos significativos para uma investigação histórica, pois são espaços agregadores da cultura material e imaterial capazes de perpetuar, manter, recuperar e preservar um acervo representativo da memória e da história desta sociedade.



Fig. 1 - Túmulo de Yamagata e esposa - Cemitério da Confraria de Santana  
Fonte: Fotografia digital/ ASEMAPH

<sup>2</sup> A história dos imigrantes japoneses em Macaé data de 1906 e é anterior à vinda do Kasato Maru (1808). “Embora não tenham permanecido nas atividades agrícolas, por aqui deixaram as marcas e suas histórias fazem parte deste Município.” *Apud* INOUE, Mariléia Franco Marinho. *No outro Lado Nasce o Sol: a História dos japoneses e seus descendentes no Estado do Rio de Janeiro* (tese de doutoramento defendida no Departamento de Sociologia da Universidade de São Paulo), novembro de 2002.



Fig. 2 – Sepultura de Honório Souza - Cemitério da Irmandade de Santo Antonio  
Foto: Cláudia Barreto

A iconografia da sepultura representada na figura 2, localizada no cemitério da Irmandade de Santo Antônio, pertence ao glicerense Honório Souza, morto pelas forças do exército em 1910. Acusado pelo assassinato do jovem militante político Argeo Victor Hugo Brazil, morador do distrito do Sana, foi vítima de uma emboscada das tropas federais, após a derrocada do governo de Backer. Honório morreu após levar treze tiros, os quais estão representados pela iconografia gritante desta sepultura através das treze incrustações no túmulo onde repousa anonimamente<sup>3</sup>.

O conceito básico a partir do qual realizarei as discussões neste trabalho é o de memória. Neste sentido, Pierre Nora ocupa uma posição de destaque entre os historiadores franceses contemporâneos. Seus trabalhos sobre a identidade e a memória francesa são significativos para o estabelecimento das discussões propostas nesta pesquisa sobre os cemitérios macaenses, enquanto “lugares de memória”. Ao instituir o conceito de “lugar de memória”, Nora contribui para uma análise indicativa de uma maior relação entre História e memória, onde a História trabalha a reconstrução daquilo que não existe mais de forma “sempre problemática e incompleta” (NORA, 1993: 9).

O dialogo com a produção historiográfica se fará também com base no pressupostos de historiadores como Jacques Le Goff que, ao dissertar sobre as questões da “História e Memória”, aborda a relação da memória coletiva, estabelecendo formas

<sup>3</sup> A observação sobre o anonimato se deve ao fato de não haver qualquer tipo de inscrição sobre seu túmulo que identifique sua sepultura. Apenas soube de quem se tratava pela tradição oral e ao buscar informações nos jornais da época. Tratando-se, ao meu ver, de mais um exemplo – juntamente com o caso de Motta Coqueiro – de uma memória que se procurou – e conseguiu – esquecer.

diferenciadas de produzi-la, dentre as quais cita três tipos: as sociedades de memória essencialmente oral, (se referindo às sociedades ágrafas), a escrita e as transições da oralidade à escrita (LE GOFF, 2003). Já Eric Hobsbawm em sua obra “A Invenção das Tradições” estabelece vários fatores para pensar o conceito de consciência histórica. Para Hobsbawm, o termo *“tradições inventadas pode ser utilizado no sentido amplo, mas nunca indefinido.”* Dessa forma, certos hábitos e tradições perpassadas por várias gerações são aceitas sem que estas questionem ou busquem suas origens, porém se cristalizam através de rituais ou símbolos, que, segundo o autor, *“visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, em uma continuidade (...)”*, estabelecendo e mantendo um elo com o passado (HOBSBAWM e RANGER, 1997:9).

Para além do debate com a historiografia, se fará necessário também, um dialogo interdisciplinar com outras produções de interesse acadêmico, voltadas para as relações entre história e memória. Dentro de uma reflexão sociológica, Michael Pollak, ao analisar as relações entre história, memória e identidade social, ou entre a memória nacional e aquela que chamou de “memórias subalternas”, estabeleceu que toda memória pressupõe enquadramento, esquecimento e silêncio (POLLAK, 1989: 3-15). É importante também a utilização de conceitos como o de Maurice Halbwachs que, considerava a memória como um fenômeno “coletivo e social”, devendo ser vista *“como um fenômeno construído coletivamente, submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes”* (HALBWACHS, 1990: 75).

Para entender os fatores referenciais que estruturam a memória coletiva macaense, será levado em consideração o patrimônio arquitetônico dos cemitérios estudados, incluindo a arquitetura e a arte cemiterial. Para isso, serão analisados os casos das sepulturas de Manoel da Motta Coqueiro, Argeo Victor Hugo Brazil e Honório Souza, como exemplos para este tipo de exame.

Igualmente, tenciono demonstrar com base nos conceitos aqui estabelecidos, que em Macaé a construção de determinadas memórias se processou no sentido de afirmação e negação em torno das três sepulturas acima mencionadas. A partir do caso da morte e do sepultamento de Manoel da Motta Coqueiro (1855) e do túmulo de Honório Souza (1910), pretendo relacionar o modo pelo qual a morte e estes sepultamentos se constituíram como fatores significativos para o esquecimento e a negação de uma memória. Por outro lado, o túmulo de Argeo Victor Hugo Brasil contribuiu para afirmação de uma memória no sentido positivo. Para tal reconhecimento é necessário compreender as relações entre memória e história, pois estarei trabalhando, a lembrança, o esquecimento, a afirmação, a reconstrução e a projeção em torno da geração dessas memórias. Entretanto, não pretendo realizar um estudo

exaustivo sobre outros túmulos que, ao longo do período analisado, foram se configurando nas formas de bens culturais. Para tal estudo, serão de muita importância os conceitos relativos à constituição da memória e de “imaginário coletivo”, como também os cemitérios enquanto “lugares da memória coletiva”. Com efeito, compreender a relação história, tempo e memória construída coletivamente, vista através dos cemitérios macaenses como “lugares de memória”, significa compreender as representações, símbolos e signos imbuídos na cultura material e imaterial, nas tradições estabelecidas em Macaé, ao longo do processo histórico estudado.

A proposta da presente pesquisa utilizará registros paroquiais de óbitos, registros jurídico-cartoriais, anúncios de jornais, plantas, mapas, fotografias, álbuns, cartões, revistas, depoimentos orais, registros de memórias e relatos de viajantes que retratam Macaé no período situado entre o final do século XVIII e início do século XX. Com base nas fontes mencionadas, o plano de redação foi estruturado em três capítulos. No primeiro capítulo pretendo identificar os antigos cemitérios macaenses, suas origens e situá-los historicamente procurando abordar os locais de sepultamento existentes no sertão e no litoral. O objetivo é situar, dentre os diferentes locais de sepulturas, aqueles que servirão de base para a análise dos capítulos seguintes, a saber: no sertão, os Cemitérios da Barra do Sana e o da Irmandade de Santo Antonio. No litoral, o Cemitério de Santana.

Para tal farei uso de registros paroquiais de óbitos de duas importantes freguesias da região: Nossa Senhora das Neves (1798-1888) e de São João Batista de Macaé (1814-1888), que se encontram nos respectivos arquivos: Paróquia de Nossa Senhora das Neves e na Igreja Matriz de São João Batista. Também serão utilizadas outras fontes eclesásticas como: visitas pastorais, compromissos de irmandades, livros de recibos de cemitérios. Tais fontes estão distribuídas entre os seguintes arquivos, além dos paroquiais acima mencionados: Arquivo Nacional/RJ, Arquivo da Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, Arquivo da SEMAPH, entre outros. Igualmente, serão úteis os documentos de cunho iconográfico: fotografias, mapas, epígrafes de sepulturas, retábulos etc.

O segundo capítulo terá como base de análise a condenação, morte e sepultamento (no lado de fora do cemitério de Santana) de Manoel da Motta Coqueiro como elementos significativos para a constituição de uma memória que se quis apagar/esquecer e que acabou gerando um mito (o da praga sobre a cidade de Macaé<sup>4</sup>), reforçador desta negação. Além da

---

<sup>4</sup> A lenda da praga sobre a cidade de Macaé consiste na crença de que, ao proclamar a sua inocência, Manoel da Motta Coqueiro, no patíbulo, teria dirigido à cidade de Macaé as seguintes palavras em forma de praga: -

geração de um mito, a morte de Coqueiro contribuiu para a criação da crença de que o fim da pena de morte no Brasil aconteceu após o seu enforcamento. A negação da sua memória também se expressou em uma perturbação moral produzida por sua desonra, levando seus familiares a desvincular-se dos laços parentais com ele. Motta Coqueiro foi acusado de ser o mandante da chacina da família do colono Francisco Benedito, em Macabu (na época Freguesia de Nossa Senhora da Neves e atualmente município de Conceição de Macabu, localizado na Região Norte Fluminense do Estado do Rio de Janeiro). Entre 1852 e 1855, foi julgado por duas vezes tendo sido condenado à forca. Para tal, farei uso do processo crime contra Motta Coqueiro, localizado no Arquivo Nacional/RJ. Também farei uso do romance escrito por José do Patrocínio, a quem é atribuída a criação do mito da inocência de Coqueiro, do parecer do jurista Antão de Vasconcelos sobre o que considerou como *um crime célebre em Macaé* e ainda do romance escrito por Carlos Marchi, entre outros documentos coletados ao longo da redação deste capítulo.

Mesmo não me propondo a responder, na pesquisa, a questão que levou a sua condenação, tentarei dar ênfase às seguintes indagações: um crime passional ou uma condenação política? Desta forma, ao tentar responder estas questões, estarei buscando reforçar as motivações que impulsionaram a negação ou a afirmação em torno da memória de Manoel da Motta Coqueiro.

No terceiro e último capítulo, a partir da identificação dos túmulos de Argeo Victor Hugo Brasil e de Honório Souza (o seu possível assassino), situados em dois distritos macaenses, datados de 1910, buscarei discutir idealmente os cemitérios como lugar de afirmação e de esquecimento de uma dada memória na sociedade macaense. De questionamentos iniciais sobre os motivos do assassinato do jovem militante do partido republicano macaense, busca-se chegar a questões mais complexas tais como: Por que o Partido Republicano de Macaé protestaria contra o seu fundador e maior representante no município (o então presidente do Estado do Rio de Janeiro, Alfredo Backer), gerando uma cisão entre os seus correligionários? Por fim, ao procurar entender a trama política que envolveu a morte de Argeo Victor Hugo Brazil e de Honório Souza, pretendo investigar de que maneira a morte e os cemitérios na antiga Macaé contribuíram para a afirmação de determinadas memórias.

Deste modo, ao dissertar sobre o tema morte em Macaé pretendo buscar nos espaços dedicados aos mortos e nas atitudes diante da morte, elementos para apreender as

---

“Macaé durante cem anos não terá progresso”. Cf. PARADA, Antonio Alvarez. *Histórias Curtas e Antigas de Macaé*. Rio de Janeiro: Artes Gráficas, 1995. V I, nº 438, p. 233.

várias formas representativas de construção deste espaço. Elementos estes presentes nos aspectos simbólicos, no imaginário local, nos cemitérios e sepulturas que são contemplados na sua arte tumular, epígrafias, epitáfios, etc., e na constituição e projeção de várias memórias na Antiga Macaé. Neste sentido, estes são formas de representações que, certamente, são capazes de identificar uma íntima e profunda relação dos macaenses e também das demais localidades brasileiras da época, com a morte, seus gestos e ritos.

### BIBLIOGRAFIA

HALBWACHS, M. Memória, Esquecimento e Silêncio. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989.

HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. *A invenção das Tradições*. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 1997.

INOUE, Mariléia Franco Marinho. *No outro Lado Nasce o Sol: a História dos japoneses e seus descendentes no Estado do Rio de Janeiro* (tese de doutoramento defendida no Departamento de Sociologia da Universidade de São Paulo), novembro de 2002.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 5ª Ed., Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 2003.

MARCHI, Carlos. *Fera de Macabu, a história e o romance de um condenado à morte*. Rio de Janeiro: Record, 1998.

NORA, Pierre. *Entre Memória e História: a problemática dos lugares*. Projeto História; *Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História da PUC/SP*, São Paulo, n.10, dez. 1993.

PARADA, Antonio Alvarez. *Histórias Curtas e Antigas de Macaé*. Rio de Janeiro: Artes Gráficas, 1995. Vol. I.

PATROCÍNIO, José - *Mota Coqueiro ou a pena de morte*(1878). Rio de Janeiro: Francisco Alves/SEEC, 1977.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992.

VASCONCELOS, ANTÃO. *Evocações- crimes célebres em Macaé*. Rio de Janeiro: B. Aguilla Edit., 1911.